

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA POLITÉCNICA  
CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA DE SOFTWARE  
AGES - AGÊNCIA EXPERIMENTAL DE ENGENHARIA DE SOFTWARE

FELIPE FREITAS SILVA

**MEMORIAL DE ATUAÇÃO NA AGÊNCIA EXPERIMENTAL DE ENGENHARIA DE  
SOFTWARE – PERÍODO 2023 A 2025  
AGES I**

Porto Alegre, RS

2023

## **RESUMO**

Este documento trata da minha trajetória pessoal ao longo do curso de Engenharia de Software da PUCRS na Agência Experimental de Engenharia de Software (AGES), cujo objetivo é permitir aos alunos que tenham vivências similares as do mercado de trabalho. Mais especificamente, apresentarei aqui minhas contribuições e aprendizados ao longo da minha jornada em quatro projetos, realizando atividades que vão desde o planejamento e design de telas/mockups, banco de dados e histórias de usuário até a programação de funcionalidades complexas para o usuário final.

**PALAVRAS CHAVES:** AGES, Engenharia de Software, Programação, Desenvolvimento Web, Arquitetura de Sistemas, Trabalho em equipe.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Foto 1:** Equipe AGES I

**Ilustração 1:** Diagrama de Deploy

## **LISTA DE SIGLAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AGES – Agência Experimental de Engenharia de Software

CSS – Cascading Style Sheets

CSV – Comma-separated values

E2E – End to End

PDF – Portable Document Format

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SGS – Sistema de Gestão Sinosserra

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DO ALUNO .....</b>	<b>5</b>
<b>2. PROJETOS AGES I - “Veículos via Montadora” .....</b>	<b>7</b>
2.1 Introdução .....	7
2.2 Desenvolvimento do Projeto.....	9
<b>2.2.1 Repositório do código Fonte do Projeto .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2.2 Banco de Dados utilizado.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2.3 Arquitetura utilizada.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2.4 Protótipos das telas desenvolvidas.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2.5 Tecnologias Utilizadas.....</b>	<b>11</b>
2.3 Atividades desempenhadas pelo aluno no projeto .....	14
<b>2.3.1 Sprint 0.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3.2 Sprint 1 .....</b>	<b>17</b>
<b>2.3.3 Sprint 2.....</b>	<b>19</b>
<b>2.3.4 Sprint 3.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3.5 Sprint 4.....</b>	<b>23</b>
2.4 Conclusão .....	25

## 1. APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DO ALUNO

Desde o começo do curso, evolui muito em diversas áreas da vida e, claro, do trabalho. Quando entrei no curso, em fevereiro de 2022, eu já havia programado alguns sites simples e publicado até mesmo um aplicativo na Play Store, o que me deixa muito feliz de olhar para trás e saber que valeu a pena ter sido curioso e testado muitas tecnologias, algumas que posso citar sendo PHP, MySQL, Javascript, React Native, Arduino, Python e Git. Mesmo que não tenha me aprofundado e tenha “pulado de galho em galho”, o fato de eu ter visto um pouquinho disso tudo desde antes da faculdade me deu uma base muito grande. Cada parcela, por menor que seja, contribuiu em muito para o curso para o qual entrei já pensando que entendia de várias coisas, quando realmente sabia muito pouco de menos ainda.

No 1º semestre da faculdade eu estava trabalhando como professor de inglês na escola online Skyeng, dando aulas individuais para alunos ao redor do mundo. Embora não seja relacionado a área em que trabalho e que provavelmente vou seguir trabalhando ao longo da minha vida, eu não me arrependo de ter passado esses 6 meses fazendo algo que me desafiou muito e que moldou minha personalidade, sendo muito importante para eu perder muito da minha timidez que tinha até o ensino médio. Ainda sobre o primeiro semestre, foi nele em que construí a maior parte dos amigos que tenho até hoje e que me apoiaram e acompanharam durante o curso, nos momentos bons e nos difíceis. Uma experiência muito marcante que tive logo no começo foi a *Global Legal Hackathon* (GLH) – uma *Hackatona* focada para melhorar a integração das pessoas com o Direito no Brasil. Participaram da GLH aproximadamente 40 advogados e 6 desenvolvedores, todos da PUCRS, sendo 4 meus colegas, também de 1º semestre, e um que foi meu AGES IV logo no primeiro projeto da AGES e com quem desenvolvi uma boa relação. Essa atividade foi um excelente pontapé para perceber que não sabia de quase nada prático, mas que não estava sozinho, e que havia várias pessoas com quem poderia contar quando precisasse, cada uma com um *background* diferente e valioso.

Terminados os primeiros 6 meses, já tinha passado com relativa tranquilidade do 1º semestre, e decidi que gostaria de tentar algum estágio na área de desenvolvimento. Terminei minha parceria com a escola e passei 3 meses nessa busca, participei de alguns processos seletivos, mas nenhum resultou em nada, até

que um colega, que era o principal desenvolvedor de uma Startup no Tecnopuc, acreditou em mim e me ofereceu uma vaga para que eu o ajudasse no desenvolvimento. Eu aceitei e, em agosto de 2022, comecei a trabalhar no front-end, criando telas responsivas e dando algumas sugestões sobre como implementar funcionalidades mais complexas. Em dezembro do mesmo ano, esse colega saiu também para trabalhar em outro lugar, e eu fiquei responsável por continuar o trabalho dele, que consistia na lógica do back-end e manutenção do banco de dados – o que era novo para mim, visto que utilizamos outro paradigma de banco de dados (não relacional) com que não estava familiarizado, mas novamente decidi aceitar o desafio, pois sabia que ele ainda poderia me ajudar enquanto me adaptava a isso.

Desde o começo de 2023, sou o principal desenvolvedor da Startup e tenho já um colega responsável pelo front-end (a quem auxiliei quando entrou para que pudesse seguir com mais facilidade o que eu agora passaria adiante) e outro que estou “treinando” para me substituir eventualmente no back-end. Tenho trabalhado agora justamente em garantir que o projeto siga em boas mãos, pois sei que é muito promissor, então estou fazendo diversas melhorias em servidor, documentação e outras ferramentas para que cada novo desenvolvedor que tenha a oportunidade de passar pelo projeto tenha mais facilidades que o último. Nesse 3º semestre de faculdade começo minha trajetória pela AGES e percebo cada vez mais o quão importantes são todas essas oportunidades que tive, embora ainda fique claro o quanto ainda tenho pela frente no curso quando observo meus colegas mais experientes, e espero eventualmente conseguir ajudar os que vierem depois de mim para que todo conhecimento seja disperso, e nunca perdido.

## 2. PROJETOS AGES I - “VEÍCULOS VIA MONTADORA”

### 2.1 Introdução

O projeto Veículos via Montadora é um projeto relativamente pequeno, mas que prevê melhoria significativa para as partes envolvidas, principalmente, os grupos Sinoscar e Tramonto Jeep, representados aqui pelos *Stakeholders* Leonardo Cunha, Luana Lima Vieira e Fabiano Longaray. Nos foi apresentado que, para cadastrar um veículo, vários PDF's eram enviados de diversas fábricas e era o dever de uma pessoa (a saber, da *Luana*) analisar os dados deste documento, tratá-los, e enviar para um sistema próprio da Sinosserra (SGS), devendo copiar as informações sem erros. O processo todo leva em volta de 6 horas, e nem sempre é possível finalizar em um dia só devido à ausência de informações ou materiais nos veículos. Com tudo isso em mente, nossa missão era desenvolver um programa capaz de extrair e analisar os dados de diversos e variados PDF's para aumentar a produtividade e melhorar a qualidade de vida de todos envolvidos hoje e futuramente no processo.

Foi iniciado em 27/02/2023 e entregue no dia 14/06/2023, tendo sido acompanhado e orientado pelo professor Daniel Antônio Callegari (na imagem, à direita). Abaixo, segue foto do time responsável pelo desenvolvimento.



Fonte: <https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/wiki/-/raw/main/team/equipe.jpeg>

O projeto teve início após a primeira reunião com o cliente, porém, não foi sem complicações. Neste primeiro encontro, descobrimos que o cliente original não poderia mais acompanhar o projeto e, por este motivo, outra pessoa foi enviada para explicar o problema que estaríamos solucionando, mas como este não tinha o mesmo domínio de causa que o original, tivemos de marcar um 2º encontro na primeira



semana com a pessoa encarregada de substituir o *stakeholder* inicial o que, por fim, deu início ao projeto.

## 2.2 Desenvolvimento do Projeto

### 2.2.1 Repositório do código Fonte do Projeto

O projeto foi dividido em 3 repositórios de código, cujos links podem ser encontrados abaixo:

- Front-end: <https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/frontend>
- Back-end: <https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/backend>
- Infraestrutura: <https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/infrastructure>

E um último para a *Wiki* do projeto, com toda a documentação e outras informações relevantes

- Wiki: <https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/wiki/-/wikis/home>

### 2.2.2 Banco de Dados utilizado

Dada a natureza muito dinâmica dos documentos armazenados e da linguagem utilizada no back-end, optou-se por utilizar o SGBD não relacional MongoDB.

Um modelo de documento pode ser encontrado na figura disponível na wiki: [https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/wiki/-/wikis/banco\\_dados](https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/wiki/-/wikis/banco_dados).

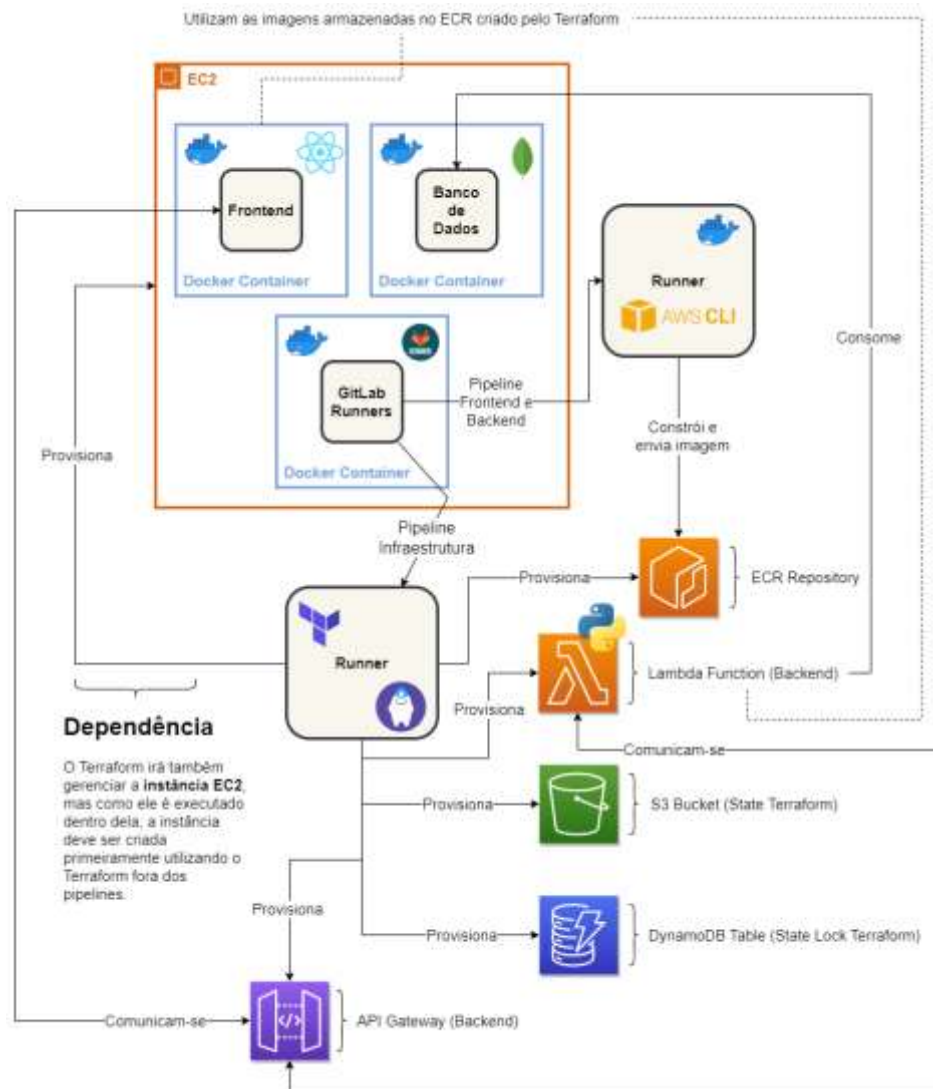
A alternativa relacional foi analisada, mas foi concluído que, devido à natureza muito volátil das informações armazenadas, não faria sentido utilizar esse paradigma. Essa dinamicidade do modelo não relacional se provou bem útil, visto que na Sprint 3 percebemos que teríamos de remodelar o banco para acomodar uma nova dinâmica de PDFs e veículos, o que teria sido muito mais complexo em um modelo de tabelas.

### 2.2.3 Arquitetura utilizada

A arquitetura foi bem detalhada e explicada majoritariamente pelo Arthur (Ages III), e pode ser encontrada na *Wiki* do projeto, no link a seguir: <https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/wiki/-/wikis/arquitetura>.

Basicamente, foram utilizados recursos da AWS por requisição do cliente; caso queiram integrar nossa solução com o sistema já existente dele. Abaixo, há uma imagem do diagrama de *deploy* original com a relação entre os serviços, *containers* e *runners*.

Figura 1



Fonte: <https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/infrastructure/-/raw/develop/docs/images/architecture-deploy-diagram.png>

Infelizmente, nosso planejamento inicial era muito complexo para o contexto da cadeira e foi “vetado”, então tivemos que optar por uma alternativa mais “simples”, utilizando apenas duas *imagens Docker*, uma para o front-end e outra para o back-end. Aprendemos com isso que, por melhor que seja o planejamento de um projeto e as intenções da equipe de pensar muito no futuro, por vezes é melhor focar no mais simples para produzir algo de valor mais brevemente, e depois que o simples estiver feito buscar aprimorá-lo passo a passo. Entretanto, é válido ressaltar que a infraestrutura original se encontra armazenada em nosso repositório para que quando o cliente for seguir com o projeto possa ter uma base sólida.

#### 2.2.4 Protótipos das telas desenvolvidas

Link para a Wiki com todas as telas e componentes produzidos no Figma: <https://tools.ages.pucrs.br/veiculos-via-montadora/wiki/-/wikis/mockups>.

Um dos maiores requisitos da tela a ser criada era que ficasse similar ao sistema já existente, para diminuir a fricção na aderência do novo sistema. Com isso em mente, o Luiz (Ages IV) fez o design de uma estrutura com componentes dispostos de maneira idêntica ao SGS já existente, e o design em si foi pouco alterado desde então, visto que só ele criou ideias de *mockups* para o sistema.

Minha contribuição inicial ao projeto foi em grande parte justamente aqui - no Figma - visto que, apesar de não conseguir fazer o design bem desde o começo, consegui ajudar bastante na parte de prototipação, componentização e navegação do modelo. Com isso, a apresentação inicial aos stakeholders, que já tinha forma, ganhou vida, possuindo componentes interativos que simulavam quase integralmente a experiência final que o time tinha em mente para usabilidade da plataforma. O modelo seguiu evoluindo junto com o projeto e a necessidade de incluir novos itens, principalmente respostas gráficas ao usuário como variações de erro e sucesso para alguns componentes.

#### 2.2.5 Tecnologias Utilizadas

Quase todos os projetos atualmente utilizam de ferramentas que permitem uma maior integração entre os ambientes de desenvolvimento variados da equipe. Com isso em mente, utilizamos o *Git* para versionamento e alterações paralelas no código e o *Docker* em todas as frentes para que todos, independente de configurações externas, possam desenvolver sob as mesmas condições. Abaixo, estão citadas as tecnologias utilizadas, acompanhadas por uma breve descrição e o link da sua documentação.

- Git: <https://git-scm.com/doc>
- Docker: <https://docs.docker.com/get-started/>

Front-end:

Foi desenvolvido em *TypeScript* com auxílio das *bibliotecas React* (para estrutura e lógica de componentes), *StyledComponents* e *MaterialUI* (para a parte gráfica). Para a padronização do código e dos *commits* foi utilizado o *Prettier* unido ao *ESLint* para a questão de espaçamentos e re-fatoração de código, além do *Husky* - unido as últimas duas ferramentas citadas - para que toda mudança versionada no *Git* esteja de acordo com as especificações definidas. Ainda, unido ao *React* foi utilizada a ferramenta *Vite*, que melhora a construção e distribuição do Software e o *Yarn* como gerenciador de dependências. Por fim, para realizar os testes unitários utilizamos o *Jest*.

- Typescript: <https://www.typescriptlang.org/docs/>
- React: <https://react.dev/learn>
- Material UI: <https://mui.com/material-ui/getting-started/overview/>
- Styled Components: <https://styled-components.com/docs>
- Prettier: <https://prettier.io/docs/en/index.html>
- ESLint: <https://eslint.org/docs/latest/>
- Husky: <https://typicode.github.io/husky/>
- Vite: <https://vitejs.dev/guide/>
- Yarn: <https://yarnpkg.com/getting-started>
- Jest: <https://jestjs.io/pt-BR/docs/getting-started>

#### Back-end:

Desenvolvido em *Python* com os *frameworks FastAPI* e *Uvicorn* para o servidor, utiliza o *Poetry* para gerenciamento de dependências – a principal delas sendo o *TabulaPY* (para leitura do PDF) - e *Pytest* para testes unitários. Além disso, o código deste repositório é executado em cima de uma função *AWS Lambda* rodando um container *Docker*.

- Python: <https://www.python.org/doc/>
- FastAPI: <https://fastapi.tiangolo.com/>
- Uvicorn: <https://www.uvicorn.org/>
- Poetry: <https://python-poetry.org/docs/>
- Tabula PY: <https://tabula-py.readthedocs.io/en/latest/>
- Pytest: <https://docs.pytest.org/en/7.2.x/>

-

AWS

Lambda:

[https://docs.aws.amazon.com/pt\\_br/lambda/latest/dg/welcome.html](https://docs.aws.amazon.com/pt_br/lambda/latest/dg/welcome.html)

### **2.3 Atividades desempenhadas pelo aluno no projeto**

### 2.3.1 Sprint 0

Antes de começar o desenvolvimento, é comum que se dedique um período para o estudo das tecnologias mais adequadas e para bem entender as dificuldades do usuário. Este tempo permite um melhor andamento do projeto e distribuição da equipe, e é o que será tratado nesta sessão, juntamente da minha contribuição para ele.

Apesar de nesta Sprint 0 não ter sido prevista nenhuma atividade em específico para cada um, em dois momentos eu decidi que gostaria de ser proativo e tentar contribuir mais para o projeto. Na primeira semana, junto da primeira reunião com o cliente, eu decidi pesquisar sobre como fazer a leitura de PDF, preferencialmente em Java ou Javascript que imaginei serem as linguagens mais prováveis de utilizarmos. Mais para frente, depois da reunião e do time ter encontrado uma biblioteca melhor em Python, decidi estudar e me focar bastante em uma área pra mim pouca explorada; a do design, e resolvi fazer uns mockups e protótipos no Figma.

Consegui extrair o texto bruto de 2 PDF's em Java, e contribui bastante para o desenvolvimento do Figma, principalmente na questão dos protótipos e animações. Apesar de ter conseguido ler um PDF estritamente falando, apenas consegui extrair o texto, e não o conteúdo da forma originalmente estruturada. Ainda, não consegui ler o arquivo em Javascript, apenas mostrá-lo na tela. Da parte do Figma, não encontrei nenhum problema grande, além da minha falta de conhecimento e prática, que foi rapidamente superada depois de pedir ajuda ao Luiz (AGES IV) e assistir alguns tutoriais no Youtube.

As lições aprendidas nessa Sprint foram várias, mas principalmente técnicas. Aprendi a mexer bem no Figma, em questão de svg, UX, animações, componentes e outros e acompanhei as discussões sobre tecnologias e práticas a serem utilizadas no projeto. Nunca tinha escutado falar de algumas técnicas como, por exemplo, para limitar a gramática dos commits e tinha um certo preconceito com a plataforma Trello, que passei a superar vendo sua utilidade para projetos de médio porte como esse, permitindo distribuir e apresentar as tarefas de maneira dinâmica e interativa.

Ao longo dessa primeira Sprint, foi decidida toda a questão de arquitetura, linguagens e paradigmas que seriam utilizados. Com isso em mente, visto que eu hoje já trabalho com as tecnologias do Front + MongoDB, meus próximos passos previstos são estudar Python, aplicado a parte de leitura de PDF com a biblioteca definida



(Tabula) e gostaria de poder também auxiliar os outros AGES I que estão começando com a parte do Front-End.

### 2.3.2 Sprint 1

Para a Sprint 1, agora com a arquitetura definida, o time foi dividido inicialmente em duas frentes, e decidi que seria mais produtivo ajudar no front-end, visto que já tinha mais experiência com isso e é a área em que poderia ajudar mais pessoas. Depois de divididos entre back e front, dividimos o front-end nos componentes delimitados pelo Figma e cada *squad* recebeu uma ou mais tarefas. A tarefa da minha equipe era o componente principal de visualização de arquivo, que poderia receber os estados de carregando, carregado e erro, uma opção de apagar, e que deveria se adequar ao tamanho estipulado pelo componente "pai".

Conseguimos finalizar o componente com todos seus requisitos e acredito que consegui repassar bastante do que já sabia para meus colegas de equipe, que nunca tinham tido experiência com a programação funcional que utilizamos com o React ou com a estilização de componentes por meio de CSS. Em uma visão mais ampla, as outras *squads* também finalizaram seus componentes e consegui me inteirar de tudo que foi feito nessa frente. Não acompanhei tanto o back-end, mas sei que o boilerplate foi concluído e que consegui ajudar na questão dos testes de maneira geral.

O maior problema encontrado foi a questão do tempo, isto é, a Sprint 1 é muito curta em relação as outras, e ainda não havia uma união tão grande na equipe; é pouco presente o espírito de time - ainda. Outro problema, que foi descoberto na final da sprint foi o da integração; apesar de cada *squad* ter finalizado seu componente, a junção deles e o fluxo geral da aplicação não foi finalizado, por falta de comunicação e revisão.

Aprendemos com isso que é necessário prestar mais atenção futuramente na integração de componentes e das equipes externamente. Portanto, finalizadas as tarefas individualmente, o passo mais urgente e lógico é integrar os componentes do front-end entre si e com o back-end, agora mais completo. Ainda, a realização de testes unitários e de integração segue na escala de importância, acompanhados pela criação dos componentes restantes e última página do mockup do Figma, que ainda não foi iniciada.

Em suma, apesar de a Sprint 1 ser uma das mais curtas e de a entrega não ter sido tão satisfatória, certamente aprendemos nossa lição e aprimoramentos já estão sendo pensados e já começaram desde já. As equipes foram repensadas, os Ages I receberam um foco maior e as *tasks* foram mais granularmente divididas, então

acredito que a Sprint 2 será melhor – haverá mais entregas e os Ages I aprenderão e contribuirão mais.

### 2.3.3 Sprint 2

Nesta Sprint 2, sabendo que o maior problema da Sprint anterior fora a integração dos componentes, houve uma melhor estruturação das “User Stories” e divisão destas entre a equipe. Assim sendo, todas as “squads” tinham tarefas mais precisas e independentes, mais especificamente, cada “squad” foi dividida ainda mais entre front-end e back-end, com os Ages I sendo responsáveis pela tarefa, Ages II responsáveis por auxiliar os Ages I, e Ages III e IV como supervisores das tarefas. Minha dupla tinha por objetivo a criação do componente do status de extração dos PDFs, que deveria receber um status calculado a partir da análise dos status de cada arquivo individualmente, sendo este status positivo, negativo ou indefinido (carregando).

Conseguimos concluir nosso componente, assim como o resto da squad e, conforme apontado na última sprint, realizamos diversas integrações com outros componentes dos outros times, com o back-end e com a própria AWS, tendo iniciado a “Dockerização” do front-end e do back-end, com suas respectivas “imagens” publicadas e hospedadas na AWS.

Pessoalmente, não tive muitos problemas na Sprint; estava na minha zona de conforto, trabalhando com frontend e auxiliando minha dupla que, apesar de já ter passado por Ages I, não tinha tanto entendimento das ferramentas utilizadas no projeto. Por outro lado, as pessoas da minha squad que ficaram encarregadas do back-end sofreram um pouco mais, e não conseguiram entregar a tarefa proposta, que era de realizar uma leitura e análise do PDF da Chevrolet, visto que não havia nenhum padrão neles; parecia que cada novo veículo era feito em uma ferramenta diferente por uma pessoa diferente, isto é, as tabelas e informações dos veículos cada vez eram dispostos em uma posição e com uma notação diferente da próxima, o que impossibilitou o desenvolvimento de uma solução generalizada para este grupo de veículos.

Aprendemos com esta (não) entrega que há de se cuidar muito bem do que é prometido para o cliente e o quão importante é, principalmente para as empresas envolvidas, a própria Agência (que, como diz no nome, é experimental), já que as diferenças que para um ser humano podem simplificar a leitura, quando tenta-se terceirizar e automatizar por meio de máquinas e programação, por vezes dificultam esta conversão, o que foi documentado e repassado para o cliente, que entendeu o

problema e se encarregou de conversar com a fábrica responsável pelo desenvolvimento dos materiais analisados.

Após analisar e refletir sobre as falhas do projeto até agora, e depois de conversar com o stakeholder para alterar levemente o escopo de análise, optamos por Iniciar a leitura dos PDFs da Jeep, que aparentava ter mais padrão e uma estrutura que, embora mais “feia” e “crua” para nós, humanos, era mais bem estruturada para uma análise sistemática. Voltando para o front-end e para as tarefas em que eu viria a participar, também foi decidido que agora começaríamos a construir as telas e componentes relacionados a visualização dos dados dos PDFs, o principal ponto de acesso do sistema para a cliente e usuária final do produto.

### 2.3.4 Sprint 3

Conforme prometido na sprint anterior, estas próximas semanas seriam dedicadas à leitura dos PDFs da Jeep, à atualização do modelo de banco de dados e à construção das telas e componentes relacionados a visualização dos dados destes PDFs. A sprint era muito curta, e por isso cada squad tinha uma responsabilidade simples e pontual, sendo a minha toda a sessão de listagem de PDFs, desde a integração com o arquivo em si até o componente de cada PDF com seu nome, e decidimos internamente que eu faria o esqueleto da página e que o Marcello (minha dupla e Ages II) criaria o componente menor e a parte mais “bonita”, de estilização da página.

Ao contrário da última Sprint, desta vez conseguimos entregar tudo e nos redimir, tendo feito uma leitura de sucesso dos PDFs previstos e conseguido integrar a parte visual com a parte lógica do projeto, nosso componente da squad foi completo e a listagem de PDFs e apresentação dos dados dos veículos estava clara.

Apesar de termos feito uma entrega de sucesso, esta não foi sem problemas, um dos maiores tendo sido uma suspeita de o “GitLab” estar fora do ar, então tivemos que mover o projeto inteiro para o GitHub e trabalhar por ali durante uma semana – o que não é tão simples quando fazer um “push” para outro repositório apenas, visto que nossos pipelines e validações de código e de cargos estava toda configurada na outra plataforma, mas era algo necessário, ou ao menos acreditou-se ser, já que foi percebido que a plataforma não chegou a ficar indisponível, o que não é muito relevante, mas o time ficou levemente desapontado pelo esforço direcionado em vão e alterar a origem do código duas vezes. De qualquer forma, o maior problema foi que a sprint durou aproximadamente 10 dias apenas, e contemplou apenas 1 final de semana (período em que a maior parte do time está ativa e contribuindo), e isso nos levou a fazer algo “drástico” na terça-feira anterior à apresentação da Sprint 3 – “madrugar”.

O time se reuniu, todos meio apavorados e em dúvida, para juntos conectarmos os últimos pontos que faltavam, e não eram poucos, mas foi uma experiência muito interessante e que possibilitou uma maior integração do time como um todo, independente de squads o que, olhando por este ponto, foi positivo – como discutiremos mais a frente. Felizmente, conseguimos “remendar” as tarefas faltantes entre si e com o servidor, após muitas trocas de ideias, pessoas indo dormir e quase 7h de trabalho ininterrupto. Aproximadamente metade da equipe (em torno de 10

peessoas) estavam unidas e conectadas no *Discord* da equipe entre 23:00 e 5:00, tendo eu, o Gabriel Ferreira (Ages I), o Luiz Mello (Ages IV) e o Mateus Caçabuena (Ages I) ficado até o final (6:30 aproximadamente) para realizar o envio do código para o GitLab e atualizar as tarefas concluídas nesta maluquice. No dia seguinte, após a apresentação, conversamos em equipe sobre o ocorrido e discutimos sobre a “cultura do herói”, em que uma pessoa ficaria responsável por fazer tudo na véspera e como isso era negativo tanto para o herói quanto para o time, o que é algo que entendo bem e concordo, embora não ache que tenha sido o caso deste episódio, visto que apesar de sim, ter sido apenas 1 pessoa (eu) digitando o código, foi um trabalho em equipe, não estava apenas programando por terminar de qualquer jeito ou sem ajuda, todos participavam com ideia e comandos, por exemplo, então acredito que tenha se tratado de, no máximo, uma “equipe de heróis”, que também não é o adequado – idealmente tudo estaria melhor organizado e não chegaríamos neste ponto – mas, dadas as circunstâncias adversas e pouco tempo de sprint, acredito que foi um momento proveitoso e que gerou uma discussão ainda melhor e mais profunda sobre o estado do time.

Com isso, aprendemos que se deve abstrair mais nas *tasks* e priorizar funcionalidade antes de estilo, pois é melhor “funcionando, mas visualmente não atrativo” do que “muito elaborado, mas sem funcionalidades”, o que é uma frase recorrente no projeto. Com motivos de sobra, sabíamos que era vital planejar muito bem a última sprint, e dividir melhor as *tasks* e seus requisitos, já que apesar de termos feito muito, não havíamos ainda conseguido achar uma divisão adequada entre a equipe, o que nos leva ao próximo ponto levantado pelo Pedro Carlucci (Ages II) e por mim durante a retrospectiva da sprint – a divisão do time em 3 squads. Basicamente, depois de muitos argumentos, mas poucas objeções, concordamos que o time estar dividido era um dos motivos de haver tantos “desentendimentos” e falta de comunicação mais global, visto que cada grupo focava apenas na sua bolha cujo escopo era delimitado por 1 Ages IV responsável por cada equipe. Isso não é uma prática ágil e, claramente, tampouco era produtiva e, por isso, decidimos que seria melhor abolir de uma vez a ideia de squads para termos um único time – diversos indivíduos – cada um com autonomia e responsabilidade para escolher qual tarefa realizar e a quem recorrer, visto que isso proporcionaria maior liberdade e dinamismo para todos.

### 2.3.5 Sprint 4

Nesta sprint, por ser a última, naturalmente boa parte dos nossos esforços tinham que ser direcionados para correção de bugs e dívidas técnicas das sprints passadas, e assim foi. Eu decidi que gostaria de seguir ajudando meus colegas no front, por ter mais facilidade com a área conforme já citado, mas que também gostaria de aproveitar estas últimas semanas para contribuir e aprender também no back-end, então além de ter acompanhado e auxiliado diversas tarefas do front-end – o que foi possível graças a dissolução das squads decidida na semana anterior - e peguei para mim uma tarefa no back-end de converter o PDF e seus veículos para um arquivo CSV, que era um dos requisitos do sistema.

Do front-end, auxiliei o Pedro Carlucci (Ages II) a fazer o botão de deletar PDF, o Gabriel Ferreira (Ages I) e o Kevin Ribas (Ages III) a fazerem o “template”/“grid” dos dados de cada veículo de um PDF - para deixar mais similar ao Figma proposto inicialmente aos clientes - a Carolina Ferreira (Ages I) a implementar o botão de salvar os campos copiados neste grid, o Davi a implementar setas para navegar entre os veículos de um PDF, o Guilherme de Moraes (Ages I) a implementar os testes automatizados de ponta a ponta utilizando o Cypress e depois o Mateus Caçabuena (Ages I) a fazer o botão de exportar para JSON e CSV os PDFs, que integrava com minha tarefa própria do back-end. Consegui concluir minha tarefa de exportar os dados, com ajuda do Pedro Carlucci (Ages II), que estava mais familiarizado com o ambiente e, principalmente, com a linguagem utilizada (Python), mas não sem dificuldades.

Apesar de não ter me designado nenhuma tarefa em específico do front-end, desenvolvi algumas soluções individualmente para auxiliar meus colegas com alguns problemas encontrados, um dos quais era a complexidade de compartilhar dados entre diversos arquivos e módulos envolvidos na página de visualização de PDF. Ainda, no back-end tive algumas dificuldades com a sintaxe e a lógica da linguagem, mas esta parte foi relativamente tranquila de resolver, o que me trouxe mais dor de cabeça foi a questão de transformar o veículo - um objeto com várias propriedades “aninhadas” (ver modelo na sessão 2.2.2) – e suas propriedades para um arquivo CSV, que não possui esta complexidade disponível, para qual a solução foi converter os campos complexos em “strings” separadas por uma barra, o que podia ser feito, mas era uma entrega viável, relativamente simples e que cumpria seu propósito.



Muito pode ser aprendido com esta última sprint, em que muito ficou por entregar, visto que muito havia por fazer - não é que ficamos devemos alguma coisa imprescindível para uma entrega de qualidade, mas certamente não conseguimos fazer tudo que o time tinha visionado para o projeto. Ainda, mais pessoalmente, aprendi muito durante todo o projeto, mas certamente nesta última sprint foi a que eu aprendi mais - me arrisquei no backend em outra linguagem, participei de diversas tarefas não relacionadas simultaneamente, o que é um pouco confuso, mas certamente gratificante por ver que consegui contribuir e aprender muito com muitas pessoas. Principalmente, fico feliz de não ter feito mais "por conta", o que é algo que eu normalmente teria feito, mas optei por ter apenas 1 tarefa individual (mesmo querendo fazer mais, hoje vejo que não teria conseguido entregar e poderia ter prejudicado a equipe) para conseguir justamente ajudar o time nesta etapa final, em que o importante era entregar o essencial, já que uma entrega "feia, mas funcional" é melhor do que uma entrega "bonita e com bugs", citando nosso ilustre professor orientador Daniel Callegari.

Agora os próximos passos são revisar os códigos, artefatos e documentos de todo o projeto, apresentar o resultado para os stakeholders, agradecer aos colegas, professores e envolvidos pelo bom processo, e esperar pelo que virá pela frente. Possivelmente, haverá um feedback do cliente no final do ano sobre a produtividade adquirida pelo uso da solução ou então se esta não foi capaz de cumprir sua função e acabou por não ser inutilizada, ambos sendo respostas muito úteis para o futuro da agência e nosso como integrantes de uma comunidade cujo objetivo maior é a solução de problemas práticos.

## 2.4 Conclusão

Sou muito contente com minha participação no projeto, e espero continuar assim pela frente. Pelo lado social, conversei com a maioria dos meus colegas pelo menos uma vez e trabalhei também com diversos deles, independente da squad; acompanhei o Arthur Ibarra (Ages III) em uma parte da infraestrutura e de testes no back-end, acompanhei parcialmente o Lucas Susin (Ages III) no esqueleto do front-end, dei umas sugestões de organização para o Gabriel Fanto (Ages IV) sobre o Discord e o Google Drive da equipe, acompanhei uma modelagem dos dados a serem salvos no banco com o Pedro Carlucci (Ages II), auxiliei na implementação dos testes “e2e” com o Guilherme da Silva (Ages I), dentre outros. Em geral, acredito que consegui me relacionar bem com todos - e fui até elogiado por diversas retrospectivas de Sprint, tendo recebido elogios junto dos Ages III (que para mim foram “as estrelas” do projeto), o que é algo que me deixa realmente contente e orgulhoso de ter passado um impacto, acredito, tão positivo. Na parte técnica também aprendi muito e pude contribuir em áreas variadas, embora tenha dedicado a maior parte do meu tempo a programar no front-end, não me limitei a isso e procurei entender bem de todo o processo tanto de servidor quanto nuvem e banco de dados. No início do projeto eu estava mais focado na lógica de back-end e acabei estudando um mínimo de Python para possivelmente montar a API, mas essa responsabilidade acabou sendo postergada e não voltei a trabalhar efetivamente nisso até a última semana do projeto, durante a última sprint. Já no front-end eu tinha grande familiaridade com React e TypeScript, mas fiquei bem contente de poder trabalhar com Material UI e Styled Components, duas bibliotecas que de estilização com que nunca havia trabalhado; achei elas muito interessantes e certamente estudarei mais sobre elas, embora ainda prefira outras soluções, pelo menos com o uso que tivemos destas durante o projeto.

Embora seja provável que, caso perguntados, meus colegas digam que minha contribuição maior foi no front-end, visto que foi realmente a parte em que mais trabalhei - em função de tempo (e por estar em constante alteração) - não foi a área em que mais evolui individualmente, como citado no item 2.2.4, a área em que mais contribui e aprendi foi, na minha visão, o Figma. Eu sempre tive um interesse em conseguir criar designs e protótipos, mas nunca tinha tido essa possibilidade em um projeto real, então decidi me focar bastante nisso, tendo criado componentes que serviriam de base para a construção do front-end, com diversas variações que foram usadas para apresentar o protótipo para os *stakeholders*. Fiquei muito orgulhoso do

resultado e até consegui ajudar o Luiz (Ages IV) que fez o resto do design com meu conhecimento recém obtido.

Ao contrário das outras disciplinas, a AGES é uma cadeira quase completamente prática e que tem um escopo diferenciado dentro do curso, ainda assim, dentre as 13 cadeiras cursadas no primeiro ano de curso devo dizer que a cadeira mais importante foi a de Engenharia de Requisitos, que nos dá um primeiro contato com *stakeholders* reais e com termos e técnicas que utilizamos “em segundo plano”, quase que subconscientemente, dentro da agência. O próprio conceito de *stakeholder*, algumas metodologias de desenvolvimento e a questão de protótipos de alta fidelidade que serviram de base para o Figma podem ser citados como exemplos da cadeira que, apesar de não ser oficialmente pré-requisito para a AGES, é certamente uma base importante. Outras disciplinas como Gerenciamento de Configuração de Software e Programação Orientada a Objetos também são importantes, mas servem mais como bases genéricas e mais teóricas do que fundações para o projeto real.

O projeto Veículos via Montadora foi meu primeiro projeto dentro da agência, então ainda não posso julgar se foi o melhor em que já trabalhei, mas tem um espaço especial reservado e foi certamente uma ótima base para os outros projetos que virão. Os colegas, as tecnologias - em suma, toda a experiência - foi muito recompensadora.

A integração entre os elementos citados acima pode ser citada como um ponto positivo, e acredito que conseguimos nos organizar de tal maneira que não deixasse ninguém descontente com as tecnologias trabalhadas. Certamente muito poderia ser melhorado, mas considerando o escopo de aprendizado e como uma primeira experiência, não posso apontar nada que não tenha sido resolvido ao decorrer do projeto, com exceção de uma coisa que gostaria de contribuir mais no futuro que é a questão dos Ages I no começo do projeto – acredito que possamos ser mais incluídos em questões organizacionais, até para remover um peso dos Ages III e IV, mas principalmente, já que este é para ser nosso primeiro contato com o mercado, deveríamos ser mais consultados e empurrados desde o princípio, visto que são várias coisas pequenas que vão acumulando que acabam pesando para nós em questão de quantidade de matérias novas para aprender em tão pouco tempo.

O projeto foi finalizado e entregue oficialmente quarta-feira, 14 de julho de 2023, e o cliente ficou feliz com a entrega e com a solução apresentada, tendo prometido levar o projeto para testarem internamente e nos dar um feedback. Não conseguimos

entregar tudo que tínhamos em mente, conforme citado no ponto 2.3.5, mas entregamos o que era primordial e certamente o que apresentamos é muito útil e será de grande valor para o usuário final.

No geral, o projeto foi muito bom, o time era participativo e dialogava bastante – embora, claro, existam pessoas e pessoas cada uma com uma personalidade suas preferências – e consegui me integrar bem. Não tenho grandes arrependimentos dentro desta primeira experiência, sempre é mais fácil olhar para trás e apontar o que teríamos feito melhor ou mesmo não feito, mas em geral atingi meus objetivos pessoais; conheci pessoas novas, trabalhei em uma equipe muito maior do que estou habituado, não fiquei parado em nenhum momento, sempre estava contribuindo e dando ideias, participei de todas as discussões que pude, fui curioso e corri atrás do que não entendia, seja com ajuda de alguém da equipe ou por meios externos. Foi uma experiência emocionante e gratificante, e que sem dúvidas valeu cada segundo das quase 200h dedicadas no semestre para isso.